

Limite Difuso. Sines, o Processo de Infraestruturação Industrial

Andreia M. Tavares, Paulo Tormenta Pinto

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), DINAMIA-CET-IUL, Lisboa, Portugal
Avenida das Forças Armadas Edifício ISCTE 1649-026 Lisboa, Portugal, Telefone/fax: 00 351 210 464 031
amtss@iscte-iul.com, paulo_tormenta@iscte.pt

Resumo

Em 1976, foi publicado na revista *Binário* um projeto determinante para a cidade de Sines. “Sines vai ser, grosso modo, um gigantesco complexo urbano-industrial. Uma altaneira chaminé vai ser o símbolo dessa concentração de indústrias pesadas e ligeiras.”¹ Escolhida dentro de um leque de amplas hipóteses entre a Figueira da Foz e a Vila Real de Santo António, a sua localização era totalmente favorável ao serviço de uma descentralização urbana e de uma solução económica. É capaz de se constituir como potenciadora de desenvolvimento tão relevante quanto as restantes áreas industriais do país.² Adotou-se como critério-base a ideia de um porto de águas profundas com infraestruturas ao serviço de uma zona industrial, promovendo-se, deste modo, a integração de planos parciais para os setores portuário, industrial e urbano. O setor industrial viria, então, a introduzir duas grandes zonas portuárias de granéis a norte e a sul da cidade, remetendo a instalação de indústrias ligeiras para a periferia da vila de Sines por forma a cortar no acréscimo de investimento de infraestruturas de base, dada a sua proximidade com a cidade e com o próprio porto de águas profundas. Do sector portuário, situado na baía de Sines, nasce, então, a implantação do sector industrial, que por sua vez induzirá o desenvolvimento de uma infraestrutura urbana constituída por três núcleos: Sines, Santiago do Cacém e a nova cidade de Santo André.

A compacta área urbana Sineense começa a estender-se sobre o território sóbrio que a envolve, questionando-se como a cidade planeada cohabita com a existente. Com o passar do tempo, assiste-se a uma metamorfose resultante da fusão das duas realidades presentes, o centro industrial como uma realidade em permanente mudança e um centro urbano que se tenta adaptar a essas transformações. O anel industrial que delimita a cidade assume-se como instável e gradual. Desta forma, observa-se uma modificação sistemática do limite da cidade, promovendo uma contemporânea paisagem difusa.

Palavras-chave

Sines. Desenvolvimento. Limite. Difuso.

Introdução

No verão de 1976, foi publicado na *Binário- Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* um projeto que colocara Portugal numa nova posição no mundo portuário-industrial. Apresenta-se a área de Sines como uma nova cidade industrial que albergara a implantação de uma área concentrada de indústrias associada a um porto de águas profundas, dando-se, assim, a localização de um novo complexo portuário-industrial de grande dimensão, apoiado por uma infraestrutura urbana que se prolonga. Consta-se que a localização de uma concentrada área de implantação de indústrias de base

¹ Dias F S (1973) Dois técnicos do G.A.S. falam sobre Políticas e Técnicas de Planeamento, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 206.

² C.f. Antunes, Eng. M (1973) “Área de Concentração de Indústrias de Base” from *Revista Binário* 209/210

pressupõe a disponibilidade de um determinado plano de áreas do território, cujas atuações especulativas sejam facilmente evitadas. É de afirmar também a pertinência de um profundo fundo que contribua para um melhor funcionamento de um bom porto, retirando o máximo partido do mesmo a nível económico.

Sines localiza-se a Sul de Portugal, na zona litoral da região do Alentejo, que o faz privilegiar de condições especiais de um Portugal atlântico por posição, mas mediterrânico por natureza.³ Foi escolhida a enseada de Sines, favorecida pela sua localização geoestratégica de grande proximidade das rotas marítimas que interligavam a Europa com África, a América do Sul e com o Mediterrâneo e ainda a existência da infraestrutura ferroviária que facilitaria a intermodalidade entre transportes. Paralelamente, a área referida é apontada como o único ponto da costa portuguesa com capacidade natural de receber, sem limitações relativamente ao calado e sem necessidade de obras extensas, os maiores navios de transporte de mercadorias, além da favorável disponibilidade territorial que esta região possui. Paralelamente

A escolha do território de Sines para a implantação industrial como “instrumento de política socioeconómica”⁴ encarou um amplo leque de possíveis localizações. A região foi selecionada entre vinte e uma regiões possíveis, realçando-se, desta forma, as qualidades naturais a ela inerentes capazes de fazer a Europa ganhar uma nova visão do nosso país, que outrora sofrera um determinado atraso no seu desenvolvimento relativo a este sector.

Anos 70. Lógicas do projeto de Sines

Na primeira metade dos anos 70, dá-se o início do projeto de desenvolvimento da área de Sines. Para a sua implementação foi criado o Gabinete da Área de Sines, cuja maioria dos poderes de gestão delegados provieram das Câmaras Municipais de Sines e Santiago do Cacém. A este grupo de ação foi atribuído amplas competências de gestão de forma a promover o desenvolvimento urbano ou industrial da zona. A sua constituição fundamentou-se, assim, em diversos pressupostos estratégicos. Realçaram-se a necessidade de adequação dos complexos industriais existentes, tanto às novas tecnologias como à atualização das dimensões adequadas e justificáveis sob o ponto de vista económico nesta fase de expansão que a Europa atravessara, e a obtenção de um melhor ordenamento do território, através da implantação de um polo de desenvolvimento que induz a criação de uma área de implantação industrial concentrada capaz de aproveitar os recursos nacionais, com os consequentes centros urbanos e equipamentos sociais.

“A realização de um complexo de indústrias de base em toda a sua extensão requer vastas áreas disponíveis, não só para organizar a estrutura urbanística de acolhimento como fixação das populações”.⁵ Dadas as exigências claras de um aglomerado urbano-industrial desta dimensão, dá-se a preocupação de construir um significativo conjunto de infraestruturas e equipamentos coletivos para uma população da

³ Expressão defendida por Orlando Ribeiro em “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico” (1986)

⁴ Cf. Do Plano Geral da Área de Sines (1973) Plano Director do Empreendimento, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 188

⁵ *Idem*

ordem dos 100 000 habitantes. Ao analisar o local, conclui-se que a estrutura urbanística existente estava abaixo dos níveis necessários de apoio à própria população residente, surgindo a necessidade da Administração intervir maciçamente para assegurar a programação global do conjunto, encarregada pelo Gabinete da Área de Sines.

O planeamento é constituído por diversas soluções, posteriormente avaliadas segundo o programa de desenvolvimento da área de Sines, os estudos da população que ele irá atrair, os objetivos e restrições vindas da situação existente na área (geologia, topografia, fatores de população, entre outros) e a informação elaborada a nível técnico pelos planeadores (normas de habitação e equipamentos, medidas antipoluição e outros). Esta análise foi determinante na escolha da implantação mais favorável tanto das indústrias de base como as indústrias consideradas limpas. A localização da proposta é fundamental para o bom funcionamento e desenvolvimento das indústrias em questão, apoiando-se desde início nas existentes redes rodoviária e ferroviária de ligação entre Sines e Santiago do Cacém bem como noutras infraestruturas, como eletricidade ou água. Neste sector utilizou-se um modelo de simulação do porto de Sines, executando-se o estudo de seis portos e suas implantações, movimentações de ramas e de minérios, chegadas de navios, esperas, despejos, carregamentos, entre outros relacionados com o funcionamento do próprio porto. Ainda e pela primeira vez em Portugal, é executada outra simulação dinâmica para a projeção de população, prevendo-se, em função do que o plano oferece, o desenvolvimento demográfico da futura população de Sines.

Seguidamente, os técnicos responsáveis do G.A.S., após a consulta de uma larga bibliografia técnica e prática, visitaram Inglaterra onde tiveram a oportunidade de discutir com um especialista da matéria a validade das soluções propostas. Foi executado e apresentado um sistema que reúne toda a informação relativa à área tornando-se num apoio importante ao planeamento urbano da zona - o Banco de Dados. Trata-se de um desenvolvimento no domínio das técnicas e dos processos de planeamento regional e urbano. Em Sines, de responsabilidade de cinco geógrafos do G.A.S., tratou-se de um sistema de informação com referenciação no tempo e no espaço, segundo um sistema de coordenadas dos Serviços Cartográficos do Exército (quadrícula secundária Gauss), de modo a permitir comparações e correlações. A opinião geral foi muito estimulante, na medida em que a estrutura do Banco de Dados foi considerada uma das mais desenvolvidas, permitindo, assim, uma maior flexibilidade de projeto. Afirma-se que "Na opinião do Dr.º Cripps, da Universidade de Reading, o caso do futuro Sines poderá vir mesmo a constituir um dos mais interessantes exemplos de estudo, desde que se disponha da informação como está prevista no banco de dados."⁶

O planeamento urbano da Área de Sines iniciou-se com a elaboração dos antepianos dos aglomerados urbanos existentes mais importantes - Sines e Santiago do Cacém - melhorando significativamente os

⁶ Do Plano Geral da Área de Sines (1973), Planeamento Urbano (Plano Director), *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 192

serviços, equipamentos e infraestruturas de base que iriam apoiar as fases preliminares do empreendimento de Sines. De forma a garantir as melhores condições de integração e estabilidade à população recém-chegada, projeta-se equipamentos e serviços para os vários estratos para que o processo de crescimento se desenvolva naturalmente. A estrutura etária e socioprofissional da mão-de-obra levou ao estudo profundo das tipologias habitacionais mais adequadas com possibilidades de posterior reconversão mais económica. Consideraram-se tipologias e habitações de tipo mais corrente, forma de habitação coletiva para mão-de-obra celibatária e “aumento-construção” para as famílias já constituídas de poucos recursos económicos. Dá-se em paralelo a criação da Comissão Instaladora do Hospital da Área de Sines, dada a clara necessidade hospitalar prevista ao executar o plano. Na área educativa, prevê-se o tipo e estrutura da população a exigir um desenvolvimento importante do ensino técnico como apoio às atividades e formação de mão-de-obra. Dá-se também especial atenção à viabilidade de criação de um centro urbano com estrutura sócio-profissional equilibrada, assim como a capacidade de atuação de investidores. Desta consideraram-se desde já equipamentos, tais como instalações hoteleiras e um complexo desportivo e recreio servindo todos, até investidores e empresários envolvidos na construção. Trata-se, assim, de um programa de economias de escala como também de coordenação e controlo do processo de crescimento futura. Esta observação leva à escolha da primeira hipótese do plano geral, pela qual consistia na instalação do porto na baía de Sines e consequente organização das áreas industriais. Espelha-se a noção de que a instalação de um porto de águas profundas tem alto potencial de desenvolvimento económico que entretanto se evidenciará como elemento predominante de todo o planeamento, dependendo, porém, da possível expansão deste processo de estruturação do complexo industrial.

O plano resulta da integração dos planos parciais referentes aos três sectores: industrial, urbano e portuário.⁷ Do sector portuário, situado na baía de Sines e predominante dinamizador de todo o projeto, nasce a implantação do sector industrial ligado ao caminho-de-ferro e considerado o principal gerador de postos de trabalho. São introduzidas duas grandes zonas portuárias de granéis a norte e a sul do local - destinadas a ramos petrolíferas e a minérios, respetivamente - e à instalação de indústrias ligeiras na periferia da vila de Sines, cortando-se no acréscimo de investimento de infraestruturas de base. Acompanhando as duas grandes zonas de indústrias pesadas, a sul, dá-se a articulação de um parque de minérios, dispondo-se estes elementos de forma mais favorável à sua acessibilidade ao porto e à rede viária geral sem colidir com os sistemas viários locais. Desta intervenção desenvolve-se o planeamento do sector urbano constituído por três núcleos: Sines como complexo de trabalho, Santiago do Cacém como complexo administrativo e a nova cidade de Santo André como o novo complexo residencial de alojamento tanto para os trabalhadores deste *boom* de construção como da população vinda das ex-colónias. Estes três indissociáveis polos constituem um sistema de relação territorial, denominado por “Trevo”, pela sua complementaridade e relação através do novo sistema rodoviário criado (**Figura 1**).

⁷ Do Plano Geral da Área de Sines (1973), Plano Director do Empreendimento, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 189

Todo este processo permite uma economia de escala em paralelo com a projeção nacional e internacional do território de Sines, dinamizando e influenciando especialmente a zona litoral alentejana. Sines passa do carácter de vila piscatória para uma cidade de referência a nível industrial.

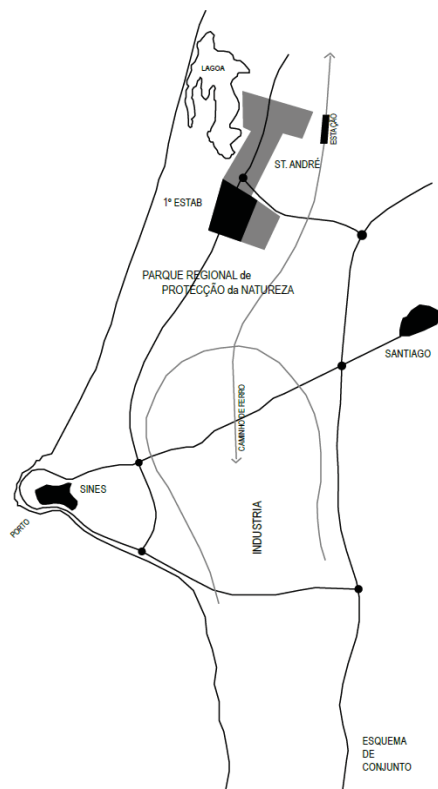


Figura 1. Esquema de conjunto. Sistema de relação territorial da área de Sines referido pela Engenheira do território Paula Pacheco (coautora PDM de Santiago do Cacém / PP da ZILS de Sines e participante nos estudos preparatórios do PDM de Sines) no âmbito de Conferência ISCTE-IUL.

Fonte: *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 210.

Relativamente a outros centros industriais, Sines é considerado um polo de desenvolvimento industrial não menos importante que os restantes existentes. A sua localização é totalmente favorável ao serviço de uma descentralização urbana e de uma solução económica. É considerado, então, uma zona de implantação alternativa relativamente às outras áreas industriais do país, como Setúbal ou Lisboa⁸.

Três variáveis. Topografia, núcleo urbano e sistema portuário-industrial

Portugal constitui um território predominantemente litoral no qual o mar assume um papel de destaque. O promontório sineense sobressai-se na geografia da costa atlântica portuguesa num pequeno cabo entre o de Sagres e o Estuário do Sado. A delimitação Oeste desta região é marcada pelo contraste entre as

⁸ C.f. Engenheiro Melo Antunes, técnico da divisão de Tecnologia e Apreciação de Projetos do planeamento industrial (1973) Área de Concentração de Indústrias de Base, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976

falésias rochosas da chamada Costa do Norte da península, pelo claro e extenso areal de praias, de forte ondulação a Norte e moderada a Sul, e pelas águas calmas da baía de Sines, elemento côncavo e naturalmente abrigado. Sines ainda oferece na sua costa pequenos pontos onde o oceano dialoga com algumas lagoas de águas doce, como a Lagoa de Santo André e da Sancha.

No concelho de Sines, o oceano e sobretudo a baía estabelecem a primeira oportunidade urbanística da região, tendo a população vivido não só da atividade piscatória como das boas condições de defesa e da possibilidade de comunicação e de comércio, dada a sua localização no último contexto. O inicial núcleo piscatório assenta, assim, no cimo da presente escarpa e desenvolve-se em torno da baía sequencialmente para o seu interior. Verifica-se que, ao longo do tempo, a malha urbana do concelho de Sines se desenvolve em anéis que, com o passar do tempo, dão origem a diversas configurações de bairros. É criada uma imagem de pequenos “retalhos”, interligados por infraestruturas viárias, que foram compondo uma das características locais (**Figura 2**).

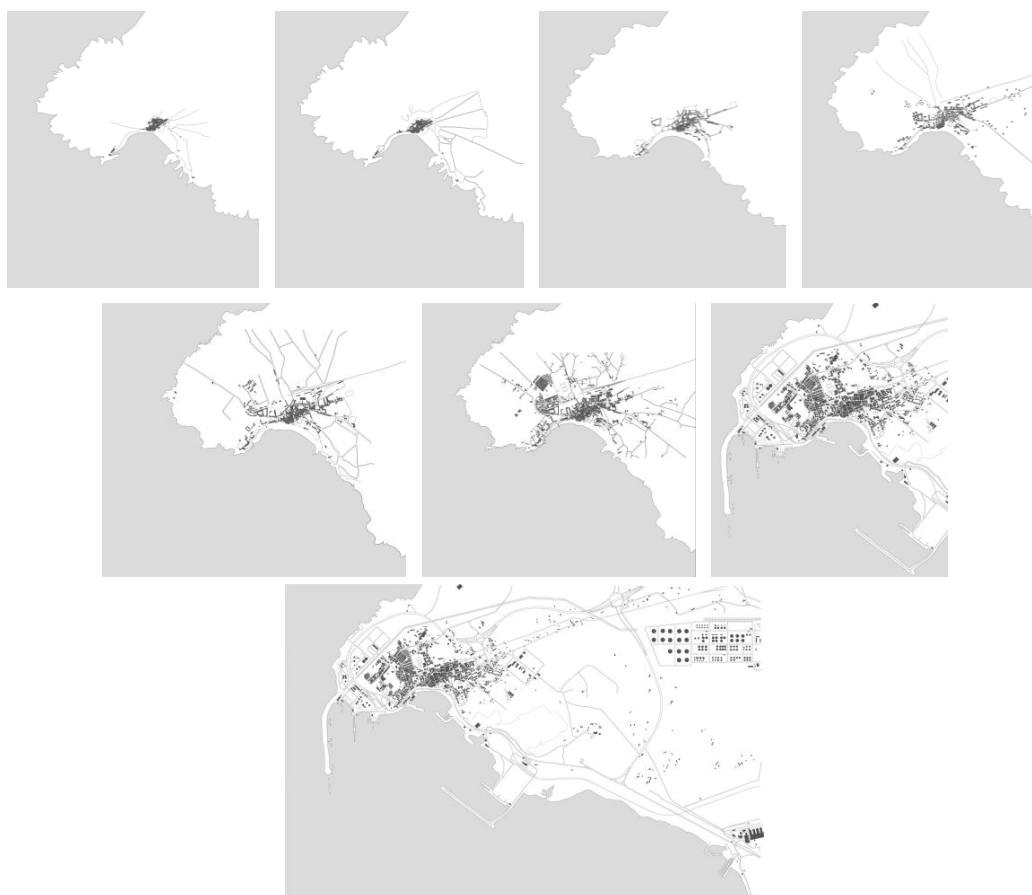


Figura 2. Evolução do concelho de Sines – 1621, 1781, 1930, 1945, 1953, 1971, 1998, sequencialmente.
Fonte: esquemas executados segundo cartografia história do Arquivo Municipal de Sines.

As condições geomorfológicas da costa, nomeadamente dos fundos naturais e a disponibilidade territorial, definem-se como o motor de arranque para o desenvolvimento da região, instaurando-se como uma das mais significativas potencialidades de progresso num baixo Alentejo marcadamente

subdesenvolvido. Neste quadro, a batimetria sugere que este é o único ponto da costa portuguesa capaz de abrigar navios de grande calado, dando resposta à necessidade de evolução industrial de um país que espelhava um determinado atraso no setor. Desta forma, é intensificado e adicionado à atividade piscatória e de escoamento dos produtos da região de Sines o seu caráter industrial e comercial. Dão-se a implantação de um porto de águas profundas, que ao longo do tempo se tem desenvolvido brutalmente encontrando-se ainda nos dias de hoje em crescimento, e de um polo industrial na periferia do concelho Sines, que o marca e se impõe segundo a grandiosa escala que representa. Posto isto, o sul desta região está subordinado ao desenvolvimento do porto, que conquista cada vez mais mar em prol do seu crescimento, e o nordeste de Sines ganha uma cintura industrial em permanente mudança, definidor do limite do próprio concelho.

Com o seguimento deste projeto portuário-industrial, Sines sofre determinadas alterações a nível topográfico que irão marcar e fazer parte da identidade desta região. Para a execução do referido porto de águas profundas, a cidade foi obrigada a receber novos aterros a sul da baía de forma a albergar as atividades e infraestruturas a ele inerentes. Consequentemente nasce a pedreira como uma estrondosa mancha a nascente no centro urbano, impondo o caráter humanizado que a topografia deste concelho sofreu (**Figura 3**). Dá-se o paralelismo entre o artificial e o natural, onde Sines se destaca pela variedade de características referentes à sua topografia, afirmando-se topograficamente como uma região naturalmente humanizada após todo o processo de modernização portuária. Desde então, o desenvolvimento urbano da região de Sines ficou subordinado ao funcionamento do porto e indústrias aqui implementadas, considerando-os o elemento primordial da atratividade populacional.



Figura 3. Representação da cidade de Sines em função da própria topografia considerada simultaneamente natural e humanizada.

A relação cidade-mar altera-se com o início de um novo olhar. Um olhar que substituí os velhos portos de pesca, as enseadas pedregosas e um infinito plano de água por um conjunto de estaleiros, entrepostos e amontoados de granéis e maquinaria pesada que culminara na construção de novos cais e vias rápidas (**Figura 4**). As atividades portuárias e industrial motivaram o crescimento e desenvolvimento urbano sineense pelo aumento populacional incrementado e pela mão-de-obra necessária para a execução deste projeto e atividade. Geraram, assim, riqueza e criaram novas infraestruturas, equipamentos e serviços,

elevando a economia local em detrimento da importância social que a frente-mar reflete nos habitantes das cidades portuárias.



Figura 4. Vistas aéreas do complexo urbano-industrial-portuário de Sines inicialmente. Atualidade do mesmo. Fonte: imagem da *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento* 209/210, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 189. Revistabusinessportugal.pt, consultado a 25/01/2016.

Conclusão

Com o passar do tempo, assiste-se a uma metamorfose resultante da fusão das três realidades presentes: estrutura portuária como uma realidade em permanente mudança; o anel industrial que delimita a cidade e se assume como instável e gradual; e um núcleo urbano que se tenta adaptar a essas transformações. Face à determinação da área urbana Sineense se estender, questiona-se como a cidade planeada se mantém na atual. Explorar a metamorfose que se dá no território é determinante para o seu desenvolvimento e definição do difuso neste objeto de estudo.

Os referidos planos parciais, executados neste projeto revolucionador de Sines, criam núcleos na própria cidade, independentemente de outrora terem sido projetados segundo inter-relações especiais. Entende-se Sines como um conjunto de retalhos interligados por uma infraestrutura viária, afirmando a ideia de limite entre diferentes realidades, desde a escala de cidade à escala do território (**Figura 5**).



Figura 5. Esquema representativo da região de Sines. Referência aos três concelhos – Sines, a sul, Santo André a norte e Santiago do Cacém a nascente – da estrutura viária principal de ligação entre os mesmos e todo o sistema industrial presente em torno do concelho de Sines. *Zoom in* deste, representando o mesmo sistema associado ao grande núcleo portuário-industrial e a sua ligação – *pipelines*.

A topografia, o porto, a indústria, o centro histórico e ainda os próprios retalhos urbano-temporais são claras limitações de diferentes escalas, criadores de espaços incertos no território de Sines. A indústria apodera-se da periferia das cidades, alterando, assim, o próprio urbanismo. Sines possui um limite grandiosamente marcado e uma periferia contrariamente indefinida e maioritariamente ocupada pela estranheza refletida pelos referidos elementos industriais. As limitações remetem, na sua verdadeira ascensão do termo, para algo que se impõe como barreira. Este conceito tem vindo a ser discutido por diversos autores, segundo diversas interpretações.

Destaca-se uma interpretação conservadora do limite de uma cidade como cerco, remetendo-a para a imponência imposta pelo polo industrial aqui discutido, cuja dimensão influencia diretamente no desenvolvimento da própria cidade e representa uma delimitação clara da mesma. No entanto, quando se analisa este conceito no difuso, os limites são verdadeiramente potenciadores enquanto espaços de vínculo e relação para com o exterior, passando de uma barreira para um motor de desenvolvimento. Desta forma, questiona-se se estes limites industriais podem ser interpretados como um elemento mutável, dando origem a uma nova interpretação urbana. Sublinha-se a importância da sua permeabilidade e do contorno da ideia de espaço incerto através do desenvolvimento da cidade, potencializando, assim, o próprio limite.

A densidade da antiga *urbe*, que limitava a expansão urbana, desvaneceu-se e estendeu-se pelo território como nunca antes se vira. Observaram-se, ao longo do tempo, alterações ao nível social sucedidas pelos diversos avanços científicos e tecnológicos e este facto influenciou diretamente na relação do indivíduo com a paisagem, levando a mudanças da própria estrutura urbana. Admite-se, ainda assim, que a cidade tradicional de contornos nítidos e com um centro de gravidade permanece mas em articulação com novos espaços urbanizados, expandindo o espaço urbano a partir dos núcleos pré-existentes de forma acelerada e em função primária das infraestruturas. Desta ideia nasce a *Metápole* como "(...) um vasto e heterogéneo território sem limites físicos precisos, marcado pela mobilidade quotidiana e pela dissolução das relações de proximidade"⁹. Estas têm uma dinâmica própria relativamente a atividades económicas e quotidianas. Neste quadro, o urbanismo tem a oportunidade de reformular o espaço público nas Metápoles, construindo aqui lugares urbanos, "no duplo sentido de agradável e de propício à urbanidade"¹⁰.

Do urbanismo contemporâneo nasce a ideia de difuso como "uma expansão de baixa densidade das cidades para uma periferia cada vez mais afastada"¹¹, devorando paisagens outrora rurais, avançando sobre o território e encarando o seu limite como uma alavanca para o desenvolvimento. Observa-se que

⁹ C.f. Ascher F (1998) definição de Metápoles em *Recensões*, tradução de Álvaro Domingues

¹⁰ Ascher F (1998) em *Recensões*, tradução de Álvaro Domingues, 177

¹¹ Ascher F (1998) em *Recensões*, tradução de Álvaro Domingues, 151

Sines contém uma área urbana compactada que pretende avançar sobre os terrenos sóbrios que a circundam. Desta forma, analisa-se o seu desenvolvimento segundo um urbanismo contemporâneo que, abraçando as estruturas industriais, criarão uma nova realidade para a cidade de Sines, tornando-se importante reconhecer nos seus limites não só problemas como também potencialidades e oportunidades para uma reinvenção da paisagem. Observa-se uma modificação sistemática do limite da cidade, promovendo uma nova vivência para Sines em conformidade com as drásticas alterações que a própria cidade sofreu.

Referências bibliográficas

Do Plano Geral da Área de Sines (1973), Plano Director do Empreendimento, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento 209/210*, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 188-189.

Do Plano Geral da Área de Sines (1973), Planeamento Urbano (Plano Director), *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento 209/210*, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 192.

Dias FS (1973) Dois técnicos do G.A.S. falam sobre Políticas e Técnicas de Planeamento, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento 209/210*, Lisboa, Junho-Agosto de 1976, 206.

Antunes Engenheiro M, técnico da divisão de Tecnologia e Apreciação de Projetos do planeamento industrial (1973) Área de Concentração de Indústrias de Base, *Binário - Revista mensal de arquitetura, construção e equipamento 209/210*, Lisboa, Junho-Agosto de 1976

Lynch Kevin (1960) *The image of the city*, Massachusetts Institute of Technology and the President and Fellows of Harvard College

Ascher F (2001-2008) *Le Nouveaux Principes de l'Urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour et*

Le Nouveaux Compromis Urbains. Lexique de la ville plurielle, Paris, França.

Trías E (1991) *Lógica del limite*, Barcelona, Espanha.